Bento Mantua

Novo Altar

Má Sina

1911
Cernadas & C.ª - Livraria Editora
190-Rua do Ouro-192
Lisboa

NOVO ALTAR

UM ACTO EM VERSO

MÁ SINA

PEÇA EM 3 ACTOS

TYP. DA EMPR. LITTER. E TYPOGRAPHICA
✧ (Officinas movidas a electricidade) ✧
178, RUA DE D. PEDRO, 184-PORTO-MCMXI

OMGAR 1963f

BENTO MANTUA

THEATRO

1.º VOLUME

NOVO ALTAR

UMGAR 1964

UM ACTO EM VERSO

MÁ SINA

PEÇA EM 3 ACTOS

1911

CERNADAS & C.ª — LIVRARIA EDITORA

190 — Rua do Ouro — 192

LISBOA

MÁ SINA

PEÇA EM 3 ACTOS

REPRESENTADA NO THEATRO NACIONAL
ALMEIDA GARRETT, EM 11 DE ABRIL DE 1908

PERSONAGENS

Antonio.	IGNACIO PEIXOTO
Pedro	ARAUJO PEREIRA
Manoel	EDUARDO BRASÃO
Thomé	JOAQUIM COSTA
Maria	D. PALMYRA TORRES
Um carreiro . . .	ANTONIO COSTA
José.	FRANCISCO MENDONÇA

RIBATEJO — ACTUALIDADE

Representada pela primeira vez no Theatro Nacional em 11-4-908.

ACTO I

O F. representa um extenso campo, parte de vinhêdo rasteiro, parte de restôlho, dividido a meio e no sentido do comprimento, por um carreiro e extremado por renques de oliveiras. A' D. vê-se uma encosta alta, tambem plantada de vinha e, da Direita para a Esquerda escondendo-se aqui e além, serpenteia um riacho marginado por choupos.

No 2.º plano á erquerda, ergue-se sobre um monticulo, cuja aba da direita desce em declive suave, uma azenha, defrontando com o espectador a porta aberta ao centro do casebre encimada por uma parreira carregada de cachos. A' esquerda da casa, corre a levada e vê-se trabalhando, a roda hydraulica. Observa-se a agua do açude, cahindo das pás ou cubos da roda. Reveste a parede da direita da azenha, na qual se abrem duas tôscas janellas, uma pujante e viçosa trepadeira.

Ao cabo da pequena ladeira que conduz á porta e para o lado direito, vêem-se encravadas no terreno, como que servindo de marcos, duas mós puidas. Tambem se nota outra mó junto á porta e encostada á parede da azenha.

Os bastidores da E. B. e D. B. são duas frondosas arvores, cujos ramos se entrelaçam. Um carcomido tronco

collocado á D. B. serve de assento. Disseminadas naturalmente pelo terreno, pedras de varias dimensões. Está-se nos principios de Setembro. E' manhã. A luz esplendida e fecundante do sol illumina o vastissimo horisonte.

N. B. *Durante todo o acto deve ouvir-se o canto das cotovias, cigarras (estas mais para o fim do acto) e a qualquer altura do acto que fôr julgada mais propria, o chiar longinquo de carros de bois. Tudo emfim que dê a nota da vida campesina.*

SCENA I

Antonio *e* um Carreiro

Ao levantar o panno ANTONIO *arrasta do interior da azenha uma sacca de farinha, emquanto o* CARREIRO *entra da E. B., onde se suppõe estar um carro.*

CARREIRO, *limpando o suor*

Inda ha muitas, «ti Tonio»?

ANTONIO, *apontando a sacca*

Só mais esta.

CARREIRO, *subindo*

Então, vamos a acabar com isso *(cospe nas mãos, segura as orelhas da sacca e Antonio pelo lado opposto; erguem-n'a, balanceam-n'a)* Vá a vêr... Oh! upa! *(aproveita o balanço e colloca-se sob a sacca).*

ANTONIO, *amparando a sacca emquanto o carreiro se ageita*

Ajudas-te bem a ella?

CARREIRO

Já póde largar, « ti Tonio, tá » bem *(sae E. B. Antonio desce atrás do carreiro, limpa o suor, tira da cinta mortalhas e um charuto. Arranca uma mortalha que colloca entre os labios e começa picando o charuto com uma pequena navalha que tira de um dos bolsos das calças).*

CARREIRO, *entra E. B. limpa o suor que lhe escorre do rosto, á manga direita da camisa*

Safa! Faz « calma » que tem diabo!

ANTONIO

Isso é que elle faz! *(conclue o cigarro)* Queres um cigarro?

CARREIRO, *accedendo*

Vá feito, « ti Tonio ».

ANTONIO, *passa-lhe o tabaco*

Este anno, tens tu de caminhar muito cá para estas bandas... *(accende o cigarro).*

CARREIRO

Se tenho! Os celleiros do patrão estão mesmo a botar por fóra! Este anno — louvado Deus — foi fartinho de trigo a mais não ser! *(Entrega o tabaco a Antonio e accende o cigarro no lume que este lhe offerece).* «Agardecida»...

ANTONIO, *sentencioso*

Abril frio e molhado... era de contar.

CARREIRO

Nem sei de quando me «alembre» d'um anno assim! E é cada bago mais grado! *(ouve-se o tilintar de guiseiras. Olhando para E. B.)* Chó mulas!... O raio da môsca não vos deixa estar quêdas!... Adeus, «ti Tonio», vou-me até ao casal.

ANTONIO

Pois vae sim, rapaz.

CARREIRO

Veja lá não lhe pásse o recado do meu patrão?...

ANTONIO

«Tá» descançado. Mal tenha um nadita de meu, dou lá uma saltada.

CARREIRO

Fique-se então com Deus, « ti Tonio ».

ANTONIO

Deus te guie, meu rapaz. *(Carreiro sae E. B. Ouvem-se as guiseiras tilintar, devendo o som ir esmorecendo gradualmente até deixar de se ouvir).*

SCENA II

Antonio, *depois* **Maria**

ANTONIO, *sóbe um pouco sob a direita e alonga a vista pelos campos. Seguidamente vae á E. e põe-se a olhar a roda hydraulica, assobiando distrahidamente.*

MARIA, *loura, cara sempre triste, sonhadôra. Sae da azenha trazendo um cargo de roupa, uma cafeteira e um pão. Respondendo para dentro.*

Pois sim, Pedro. « Tá » dito!

ANTONIO

Vaes á villa, Maria?

MARIA

Nada, não senhor. Vou-me a lavar este « cargo » de roupa... Mas se « vomecê » quer alguma coisa?

ANTONIO

Deixa; não é preciso.

MARIA

E de caminho, vou tambem a casa da «ti» Rosa. Coitadita! Vae em três semanas que está de cama, toda tolhida, sem ninguem que lh'o ganhe! Levo-lhe esta pinga de café e este centeio para os filhos.

ANTONIO

Tu, com essa crença de dar tudo, dar sempre, inda pões o meu filho a pedir.

MARIA

Se foi elle proprio quem lá me mandou ir hoje... Depois, a quem Deus promette, não falta.

ANTONIO

Pois sim, sim; mas quem o seu não guarda a pedir vem. Emfim, como é o Pedro que assim o quer... Elle lá sabe. Anda vae, vae... Mas olha que sempre te digo que é mau vêso o dar-se muito.

MARIA

Descance; não fez Deus a quem desamparasse.

SCENA III

Os mesmos e **Thomé**

THOMÉ, *entra da E. B. dando mostras de alegria*

Ora salve-os Deus.

ANTONIO

Deus te salve, Thomé. A modo que vens contente? Viste coisa que te fosse á feição da vontade?

THOMÉ

E' como dizes. Adeus, Maria.

MARIA

Bons dias, « ti » Thomé.

THOMÉ

Sempre essa cara tristinha!...

MARIA

Foi a que Deus me deu... não tenho outra.

THOMÉ

Pois sim, sim. Mas ahi ha coisa que lhe dê choque...

ANTONIO, *dando uma palmada no hombro de Thomé*

Então « botas » cá para fóra o que te deu alegria ou não?

THOMÉ

Devagar «home» devagar. A «histoira» tem que se lhe diga e não póde ser contada assim...

MARIA

Se é por via de mim, vou-me já embora.

THOMÉ

Ora vae-te! A Maria póde ficar... Nem a coisa tem nada que ponha « impeços » de ouvir.

ANTONIO

Ella já estava para se ir embora.

MARIA

Tenho de lavar esta roupa...

THOMÉ

« Bonda, bonda »... Isso então é outro falar.

MARIA

Até ao « despois. » (*dirige-se para a D. B.*)

ANTONIO

Adeus.

THOMÉ, *ao mesmo tempo que Antonio*

Vá em paz, Maria. (*Maria sae D. B.*)

SCENA IV

Antonio *e* Thomé

ANTONIO, *sóbe á azenha e para dentro, emquanto Thomé vae sentar-se á D. A. e seguidamente puxâ d'um cachimbo que começa atacando de tabaco.*

Oh! Pedro!... Eh! Pedro!...

PEDRO, *dentro*

Que é lá!

ANTONIO

Olha-me pela moenda que eu estou aqui com o Thomé. Se fôr preciso chama.

PEDRO, *dentro*

Sim senhor.

ANTONIO, *descendo*

Vá, desembucha agora.

THOMÉ

Anda cá; «assenta-te» aqui ao pé de mim.

ANTONIO, *rindo*

Queres ouvir-me de confissão?

THOMÉ

Não te «assentas»? «Tamem», tanto «monta». (*Pausa, accende o cachimbo. Olhando Antonio e com ar grave*) Oh! «Tonio», tu és meu amigo?

ANTONIO, *surprehendido*

«Home»? Essa agora!... Mas a que raio vem tal «prégunta»?

THOMÉ

Responde: És meu amigo?

ANTONIO

«Tá» bem de vêr.

THOMÉ

Desde garotos nos conhecemos; «sêmos» da mesma criação; juntos espigámos e juntos nos entendemos em muitos trafêgos. Ora diz: tenho-te dado prova de querer-te mal?

ANTONIO

«Home»! Tu estás hoje a puxar as coisas para o «adevertimento»!

THOMÉ

Enganas-te; falo sério e muito a sério.

ANTONIO

Mas que dianho tem isso para a «histoira»?

THOMÉ

«Indas» que o não pareça, tem muito.

ANTONIO

Mas...

THOMÉ

Entende primeiro e fala derradeiro. Tens-me na conta de um «home» ruim?... Capaz de uma acção má?

ANTONIO

Eu, não.

THOMÉ

Então, «bota» todo o teu sentido para o que vou contar-te. *(Pausa. Outro tom).* «Honte» á noite, já a lua ia alta e havia de «andar ahi pelo sopé» das 11, descia eu a rondar a vinha cá pelas bandas da tua azenha, quando, ainda a distancia, dei com os olhos n'um vulto. Antes de «avençar» para elle, botei-me a escogitar em quem poderia ser que estivesse a remirar-te o açude áquella hora.

ANTONIO

E descobriste?

*